

## PROMOVENDO UMA URDIDURA ENTRE PSICANÁLISE E COMUNICAÇÃO

*Nahman Armony*

O trabalho promove uma aproximação entre psicanálise e comunicação, em um clima de *playing* winnicottiano, o que permite que se diga que essas duas disciplinas dançam, trançando e cruzando passos em várias direções, produzindo variados desenhos incorporais. No que diz respeito à psicanálise, percorre-se os vários modos de comunicação/relação analista-analisando, desde o modo clássico ao modo covivencial. A “Crítica à Comunicação” de Lucien Sfez é usada como base de uma reflexão epistemológica sobre as transformações sofridas pela comunicação e revelam uma mesma subjacência existente nas transformações sofridas nos modos de comunicação/relação psicanalíticos. Vários autores da teoria psicanalítica e da teoria da comunicação são usados para entretecer um tapete que, por imponderável, poderia ser mágico, no sentido de vir a proporcionar viagens a novas regiões do pensamento.

De que maneira a psicanálise comunica? O que ela transmite? Como ela transmite? Será que ela comunica apenas um tipo de mensagem? Se há vários tipos de mensagens a serem transmitidas, a transmissão de cada uma delas far-se-á por um mesmo canal? Ou haverá vários níveis através das quais as mensagens podem ser transmitidas? Perguntas a serem respondidas. Como porém o que me interessa é a produção de subjetividade privilegiarei esta questão. Como se transmite uma subjetividade? Como se comunica uma subjetividade? Por qual canal a subjetividade é produzida? Como é ela produzida? Por um único canal? Ou vários canais e vários níveis concorrem para a sua produção? Um dos níveis seria o conceitual-racional? Outro a persuasão dialética? Outros: o identificatório-vivencial? a submissão ao Grande Outro?

Há uma maneira de fazer psicanálise em que o analista se coloca no centro dos acontecimentos, ficando "disponível para a identificação", portanto receptivo às solicitações do analisando, recebendo suas mensagens e estabelecendo uma comunicação. Que solicitações são essas? É claro que o analisando quer algo do analista; é por isto que ele lá está. Mas, o que ele quer? Em primeiro lugar, acabar com o sofrimento. Mas, como será que o analisando

imagina que o analista acabará com o seu sofrimento? Vários níveis. Primeiro, o nível intelectual-informacional. O analisando julga saber, por tudo o que ouviu e/ou leu, como a análise funciona. Poderá pensar que a análise funciona tornando o inconsciente consciente, fazendo aparecer o trauma escondido que atrapalhava o seu funcionamento como pessoa. Esta parece-me ainda ser a idéia dominante, uma idéia à qual se acrescentam, na atualidade, duas outras: 1- o analisando como produtor da própria análise, situação na qual ele se transforma em analisante e o analista passa a ter uma função estimuladora e de testemunha; 2- a boa relação, o bom cuidado com o setting, a vivência compartilhada produzindo efeitos terapêuticos. Qualquer que seja a linha seguida pelo analista, ele sem dúvida se preparou (e continua se preparando) para desempenhar o seu papel. O analisando sabe disto, e espera competência da parte do analista. Porém, em nível inconsciente, suas expectativas são muito mais radicais. Ele transforma o analista em uma figura onipotente, capaz de realizar os seus sonhos. Pode ser um sonho de grandeza, ou um sonho de paz, ou um sonho de amor, ou todos eles. Em outro nível, o analisando espera uma compreensão absoluta do analista, uma presença permanente no sentido de uma atenção contínua não-desviada; o analista não poderá estar ocupado com mais nada que não seja o analisando; não poderá se distrair, não poderá se afastar um mínimo da realidade psíquica (e somática) do analisando tendo de renunciar aos próprios desejos e necessidades, excetuando-se, naturalmente, o desejo de estar com e de ajudar o analisando. Estamos aqui já falando do desejo de simbiose. Mas poderá ser também o desejo de reconhecimento. E aqui há que distinguir tipos de reconhecimento. O pedido poderá vir em referência às capacidades; mas por trás deste pedido poderá estar um outro: o do reconhecimento do direito de ter e de exercer em sociedade tais capacidades. Temos aí um desejo de ser legitimado e legalizado. "Você é um ser humano que tem direito à vida e ao desejo", esta seria a fala do analista anelantemente aguardada pelo analisando. Repetindo sinteticamente: o que o analisando buscaria no analista seria alívio do sofrimento, explicação do sofrimento, amor, realização mágica, reconhecimento, interlocução, interação, revivência, nova experiência relacional e mais. Estes desejos em relação ao analista podem ser conscientes e/ou inconscientes. Pois bem, para perceber o que o analisando busca, o analista tem de se colocar no ponto virtual em que incidem os desejos do analisando; e colocar-se

neste ponto virtual é estar "disponível para a identificação". É através da identificação (e também da empatia) que o analista se dá conta do que o analisando deseja dele e do mundo (já que o analista é o mundo para o analisando). O modelo de comunicação de Thayer apresenta pontos de contacto com este pensamento. Thayer desloca o acento da comunicação que era colocado no emissor para o receptor. Stephen W. Littlejohn considera a obra de Lee Thayer como um dos mais completos "macrotratamentos (da teoria da comunicação) desenvolvidos por uma só pessoa".<sup>1</sup> Thayer introduz o conceito "levar-em-conta";<sup>2</sup> o outro só é percebido se a pessoa que percebe leva-em-conta os estímulos que vêm do outro. Para levar em conta é preciso uma "capacidade para perceber". O analista, ao se colocar no centro dos acontecimentos, no ponto virtual para onde convergem os desejos do analisando, torna-se apto a perceber estes desejos desde que se coloque em estado de disponibilidade para a identificação. Diz-nos Sfez em referência à teoria de Thayer: "A presença de um emissor não é uma exigência fundamental da comunicação. A de um receptor sim"<sup>3</sup>. E continua: "Pois a compreensão do receptor supera em muito o mero conteúdo da mensagem do emissor. Ele deve com freqüência levar em conta aquilo que percebe da intenção do emissor (ou de sua ausência de intenção), a situação, a história de seus encontros com o emissor, suas próprias intenções, as conseqüências previsíveis de sua compreensão e/ou seu acordo com o que percebe daquilo que o emissor diz, etc."<sup>4</sup>. Quase nada a acrescentar ou a tirar se pensarmos em uma situação analítica: o analista deverá estar atento ao conteúdo do que o analisando diz, mas ainda mais ligado ao contexto e à intenção subjacente. Ex.: Um analisando perguntou-me algo referente à minha clínica. Minha ansiedade fez-me considerar a sua pergunta como uma intrujice quando, pude perceber depois, partia de um desejo de identificação comigo como profissional e pessoa. É importante pois que o analista esteja atento a si mesmo. O comportamento do analisando despertou nele uma ansiedade? Culpa? O que faz o analista com os sentimentos que surgem na sessão? Afasta-os a qualquer preço? Afasta de si uma

---

<sup>1</sup> Stephen W. Littlejohn(1978): "Fundamentos teóricos da comunicação Humana". Editora Guanabara, Rio de Janeiro, 1988, p.58.

<sup>2</sup>Ibid, pag.59.

<sup>3</sup>Sfez,L.(1992)- "Crítica da Comunicação", pag.91. Edições Loyola, São Paulo, 1994.

fonte de ansiedade representada pela atividade do analisando? Estará querendo mostrar que é um bom analista, que é inteligente, esperto? Poderá o narcisismo do terapeuta estar atrapalhando o seu desejo de ajudar o analisando? Aquilo que o analisando diz tem a ver com a história da relação. Se em uma sessão anterior o analista foi desatento, isto certamente se refletirá na sessão seguinte. Mais adiante diz Sfez a propósito de Thayer: "Segundo Thayer, o receptor é `de facto criador de toda mensagem(...) É necessário examinar a aptidão do receptor e sua capacidade real quanto à variedade, a fim de determinar suas possibilidades de criar mensagens. Essa criação só é avaliada por meio de suas relações com o ambiente".<sup>5</sup> O analista, para conhecer o analisando, depende de sua disponibilidade e capacidade de identificação. "Eis-nos totalmente no `em'. Passamos da representação (...) à expressão, aí onde o destinatário se encontra na origem da mensagem. O ruído exterior produzido pela mídia se reorganiza em forma de mensagens no interior do pensamento do receptor".<sup>6</sup> Mutatis mutandis, aquilo que o analisando diz vem acompanhado de "ruídos" e estes ruídos, advindos do Ic., são mais relevantes do que o conteúdo da mensagem; são estes ruídos que deverão ser "reorganizados em forma de mensagens no interior do pensamento do receptor". E terminando seus comentários sobre a teoria de Thayer: "Não há comunicação se não há atividade do receptor, atividade que parece poder bastar-se a si mesma, na medida de sua relação com uma situação".<sup>7</sup> É a atividade do analista - seu processo de identificação homóloga e complementar - que faz aparecer o dinamismo - a mensagem - do analisando. Não quero porém cair na tentação de usar o leito de Procusto, forçando a adequação de experiências e discursos. Algumas ressalvas tornam-se então necessárias. Em psicanálise, para que se forme uma mensagem, para que se dê uma comunicação, é preciso, da parte do analista, uma disponibilidade e capacidade de identificação e do lado do analisando, um investimento desejante no analista. É do encontro destes dois fatores que surge a comunicação psicanalítica.

---

<sup>4</sup>Ibid.

<sup>5</sup>Ibid, pags. 91/92.

<sup>6</sup>Ibid, pag.92.

<sup>7</sup>Ibid, pag.92.

Há várias formas de comunicação em psicanálise; e falar em comunicação é ao mesmo tempo falar de conhecimento, de relação, em suma, é falar de subjetividade. Para permitir o desenvolvimento de uma forma de comunicação e relação que permanecerá em vigor durante seu tempo próprio de duração, o analista se coloca em disponibilidade para a identificação: neste estado, em que ele se torna o centro receptor da mensagem, em que ele possibilita o aparecimento dos desejos/temores/sentimentos/subjetividade do emissor, do analisando, ele, o analista, pode perceber em um primeiro momento as grandes linhas de comunicação/relação, as grandes linhas da subjetividade que estão se estabelecendo. Três possibilidades discerníveis: Poder-se-á estabelecer uma relação de tarefa, típica do neurótico (das situações neuróticas), em que ambos, analista e analisando têm uma tarefa que é a de entender e debelar o sintoma. O sintoma aqui funciona como um terceiro, como um foco fora da relação dual para onde convergem as atenções do analista e do analisando. Este terceiro estabelece uma distância entre analista e analisando, distância esta preenchida pela interpretação e pelo insight. É verdade que eles estão de mãos dadas buscando solidariamente a solução do enigma; mas sua relação/comunicação se dá numa pauta analítica representacional: Um apresenta verbalmente para o outro o resultado de suas investigações. Deparamo-nos aqui com uma subjetividade clássica, no sentido de uma racionalidade predominante na relação/comunicação/conhecimento analista/analisando. Um segundo tipo de vínculo que pode se estabelecer é a relação de deposição, onde o terceiro está abolido e tudo se passa diretamente entre analista e analisando. O foco não é mais o sintoma, ou melhor, o foco desaparece tragado pela imanência, pelas intensidades que decorrem da própria relação. O analisando deposita no analista seus fantasmas, mobilizando com este ato os fantasmas do analista (desde que este esteja disponível para a identificação) e interage com eles. O modo de comunicação/relação não é mais o racional-representacional, mas sim o afetivo, o não-verbal, o expressivo que utiliza o corpo vibrátil,<sup>8</sup> os símbolos de primeiro grau. Nas situações psicóticas o simbólico, mesmo que intelectualmente reconhecido, é afetivamente ignorado ou desprezado. Leis e regras estabelecidas não são levadas em consideração. O analista não é

---

<sup>8</sup>Ver Suely Rolnik “Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo”, pag.25. Estação

reconhecido e aceito pela posição que a sociedade lhe outorga ou pelo papel profissional que desempenha mas sim por ser a encarnação viva de uma entidade primitiva salvadora ou destruidora. Nas situações borderline, em que também ocorre a deposição, existe um reconhecimento e aceitação intelectual/afetiva do papel simbólico-social do analista. O borderline conhece as regras, tem estas regras assimiladas e incorporadas, mas tem dificuldade em obedecê-las, seja por um misto de não querer/querer, mas principalmente por estar acochado e impelido por suas intensidades. Durante uma conferência, pensei em falar algo pessoal ao conferencista. Era claro para mim que minha fala naquele momento estaria fora de lugar. E foi aí que pensei em uma distinção didática entre neurótico, border-line e psicótico. O neurótico tem incorporada dentro de si a inadequação de sua intervenção naquele momento e esperará tranquilamente o momento propício - depois da conferência - para colocar a questão pessoal. O psicótico pode até saber intelectualmente que aquele não é o momento propício - ou não saber - e tanto em um caso como no outro colocará tranquilamente sua questão durante a conferência, portanto absolutamente fora de hora. O borderline tem incorporada a percepção de que a questão está deslocada naquele momento, mas sofrerá uma pressão interna de tal monta que ficará impelido a fazer a pergunta; para a caracterização do borderline, não importa se ele a fará ou não; o característico é a pressão interna no sentido de imediatamente colocar a questão pessoal mesmo sabendo que ela está fora de contexto. O “bom” borderline, o borderline “normal” obviará a inconveniência generalizando a questão pessoal: desta maneira nem reprime o impulso, nem realiza uma inadequação, dando assim a sua contribuição para a formação de subjetividade. O que nos interessa, porém, neste momento é assinalar que o borderline pretende fazer uma relação de tarefa mas, invadido por intensos sentimentos e fantasias, só com esforço (quando ele necessita ou está disposto a fazê-lo) deixa de atuá-los. Aqui teríamos uma forma mista de comunicação/relação/conhecimento caracterizando um certo tipo de subjetividade, própria da pós-modernidade. Nessa forma mista, tarefa e deposição formam uma complexidade paradoxal. As formas comunicativas, desde o gestual até a palavra, são vividas mais como expressão e vibração do ser do

analisando que como representação objetiva da realidade psíquica. Essas expressões e vibrações terminam por afetar o analista lançando-o na comunicação/relação empática e identificatória. Desta maneira, podemos acrescentar às formas de comunicação até aqui faladas, a identificação e a empatia.

A comunicação infanto-materna se faz por gestos, expressões, movimentos, posturas, tensões e relaxamentos musculares, expressividade vocal - uma comunicação não-verbal. Nascendo deste repertório e a ele se agregando aparece a palavra que, pela sua polissemia e ambigüidade, pela sua capacidade de despertar associações em vários níveis e direções, - do nível significante ao significativo, na direção de outra palavra, mas também na direção de imagens, odores, etc. - constitui-se num importante instrumento organicamente incorporado às formas de comunicação das quais continuamente emerge. Falo de gestos milimétricos, mímica fugaz, palavras de tonalidades e velocidades várias, caudalosas, hesitantes, precipitadas, etc. O efeito deste conjunto é a identificação, a comunicação expressiva. Na comunicação adulta a palavra como que se destaca de seu fundo e ganha relevo. Na cultura da representação o background da palavra tende a ser ignorado e a palavra tende a valer independentemente do clima que a acompanha; o efeito de identificação diminui; ainda assim a riqueza da palavra, sua polissemia, sua ambigüidade, sua capacidade de indicar associações, seu simbolismo, seu uso metafórico, permite uma mobilização do mundo psíquico do analisando.

Inspirado em Oswald Ducrot posso pensar na estrutura comunicativa da situação analítica. Oswald Ducrot estabelece a seguinte nomenclatura: locutor, enunciado, interpretante. Usa também a noção de contexto e diz (segundo Lucien Sfez, "Critica à comunicação", pag. 318): existe um contexto que "estrutura o enunciado e permite que um interpretante compreenda a sua significação". Existe uma intenção do locutor manifestada no enunciado que "veicula ao interpretante um sentido literal". O interpretante interpreta o enunciado e reage ao enunciado interpretado por ele orientando a seqüência do diálogo. Fala também de um "contrato de comunicação". A partir destas colocações podemos pensar a situação analítica. Ali onde se fala locutor podemos colocar tanto o analista quanto o analisando; o mesmo no que se refere ao interpretante. São funções que ambos têm. O que os distingue? O analista deverá, idealmente, esquecer-se de si, estabelecendo-se como tabula rasa para ouvir e sentir as

solicitações do analisando.(não estou falando de psicanálise clássica, mas de uma psicanálise modificada). Aqui Thayer nos ajuda a ligar psicanálise à comunicação como teoria. O analisando tem uma expectativa de ser ajudado em suas dificuldades e coloca o analista como aquele que pode ajudá-lo. Para ajudar o analista a ajudá-lo ele se dispõe a falar. O analista ouvirá a fala do analisando não só no nível locutório mas também no nível ilocutório e no nível perlocutório. Mas falar destes níveis ainda é pouco pois o nível perlocutório não ultrapassa a própria palavra e é preciso que o analista se deixe afetar pelo invisível não só da palavra mas do corpo. Aqui a noção de “corpo vibrátil” de Suely Rolnik é preciosa. Recebendo a mensagem do analisando, ou, em outras palavras, deixando-se afetar pelos atos do analisando (ato aqui inclui fala e não-fala em uma unidade) o analista responde às suas necessidades através de atitudes, palavras, afetos, proximidades e afastamentos, simbiose e separação. Estabelece-se uma interação pois o analisando responderá, reagirá, ficará afetado pelo comportamento do analista e, por seu turno, dará uma resposta que servirá de orientação ao próximo comportamento do analista. Existe uma espécie de contrato tácito, de pressuposto básico de que o analista tem um saber e que está disposto a usar este saber a favor da melhora do analisando. É neste contexto que funciona a análise de neuróticos. Há um engajamento por antecipação. Esta situação de confiança era muito mais forte nos anos 60 e 70. Nos anos 80 aparece cada vez mais o candidato à análise numa atitude de avaliação do analista, situação que geralmente desaparece após o contrato ou que pode persistir como uma atitude crítica consciente constante e uma atitude inconsciente de desconfiança constante, um se alimentando do outro. O que é também comum é que esta desconfiança reapareça a certa altura da análise quando o analista passa a representar uma ameaça ao equilíbrio até então conseguido, quando existe uma ameaça de desrepressão. No que diz respeito a borderline e psicóticos as coisas se passam de outra forma. O segundo faz uma relação de deposição e o primeiro luta para manter a relação de tarefa, acossado que está pelas intensidades que o empurram para uma relação de deposição (ver Bleger). No nível de discurso, Oswald Ducrot distingue pressupostos e subentendidos. No pressuposto estamos no domínio da semântica. No subentendido estamos nos procedimentos retóricos: litote, hipérbole, atenuação. É interessante como Ducrot fica unicamente no nível da palavra sem se referir à expressão

mímica, facial, gestual, caretas, entonações, velocidades, hesitações, acelerações, como se tudo isto estivesse fora da comunicação. E, no entanto, é neste conjunto que geralmente boia a palavra, é deste conjunto que a palavra se destaca carregando consigo todo o clima do background que é o que a torna uma palavra significativa, plena, gorda, espessa, rica em sentimentos e insinuações.

As primeiras teorias da comunicação apresentavam uma aparente simplicidade que tinha mais a ver com as teorias disponíveis e predominantes na época em que foram formuladas do que com uma pretensa ingenuidade de seus autores. Assim é a teoria da “bala mágica”<sup>9</sup> que considerava que, dado um estímulo, obter-se-ia uma resposta uniforme do receptor. Esta teoria pode ser assim esquematizada: estímulo do transmissor -> resposta do receptor. A comunicação de tão simplificada e direta não seria afetada pelo meio e modo de comunicação podendo-se então desconsiderar este duplo elemento de ligação. A trajetória histórica deste elemento de ligação será espiraladamente paradoxal: haverá um momento em que ele será arrancado de sua ligação com o emissor e com o receptor, constituindo-se e alienando-se como um terceiro a ser estudado por si mesmo - momento em que ainda predomina o paradigma da representação(Ver o capítulo “História do Pam”), e um outro momento em que devolvido às suas origens perde-se reencontrando-se no próprio processo de comunicação - paradigma vivencial. Mas estamos, por enquanto no início histórico da teoria e a falta deste elemento intermediário ainda se encontra sob a égide do modelo representacional, não tendo ainda a sofisticação que as voltas na espiral do pensamento histórico lhe dará. Sua falta aponta para a idéia de uma uniformidade na comunicação. Sua simplicidade decorre do paradigma da simplificação absolutamente predominante naquela época de onde emergiam teorias como a teoria do instinto, concepção uniformizadora da natureza humana.

A teoria da bola de bilhar, já é um pouco mais sofisticada: “Tudo se passa como se o mecanismo de ligação fosse extremamente simples: como uma bola em um *flipper*. Introduz-se a bola em um circuito (aqui denominado de `canal’), e ela atinge seu alvo (o receptor) o qual a devolve, no momento oportuno, através de intermediários. Emissor, canal, receptor.

---

<sup>9</sup>Ver “Teorias da comunicação de massa”, *ibid.* pag.178 e seguintes.

Dentro, uma mensagem”<sup>10</sup>. Esta é uma citação de Lucien Sfez que, ainda na parte do livro dedicada à “ciência tradicional da comunicação”, transpõe a teoria da relação mídia-massa para a relação indivíduo-indivíduo apelando para um “senso comum” que “concede à comunicação o espaço interindividual”<sup>11</sup>. Estamos agora em terreno conhecido dos psicanalistas: a comunicação entre dois sujeitos. Continua Sfez: “São necessários dois sujeitos falantes, com um estoque lexical e sintático comum mínimo, compartilhado numa área semântica comum com a intenção de se comunicar”<sup>12</sup>. Esta intenção de se comunicar é fundamental e em psicanálise aparece sob a forma seguinte: é preciso que o analisando ou postulante queira uma ajuda terapêutica e que o analista esteja disposto - em um sentido amplo - a fornecê-la. Só assim poderá surgir uma aliança terapêutica e um vínculo transferencial em suas múltiplas interações. Quando digo ajuda terapêutica ao invés de demanda de análise estou marcando uma posição: é o sofrimento que leva uma pessoa a procurar a análise e não o desejo de auto-conhecimento. Portanto, é o sofrimento que deve estar no horizonte das considerações do analista quando realiza o seu trabalho. Neste sentido, a psicanálise deve admitir uma variedade de técnicas desde que iluminadas pelo referencial psicanalítico; não é mais possível restringi-la à chamada técnica clássica. De qualquer forma, o trabalho psicanalítico tem confirmado que, ao fim e ao cabo, é uma maior permeabilidade e um maior trânsito entre o oculto e o admitido (latente e manifesto) que possibilitará melhor lidar com o sofrimento da relação homem-vida. Mas não só isto: a própria experiência de relacionamento entre analista e analisando - uma experiência sobre a qual se fala e que, portanto, traz o invisível da relação à luz, sem porém, jamais, esgotá-lo - é modificadora, é terapêutica, ajuda a pessoa a lidar com o seu sofrimento. Comunicação e relação estão solidariamente unidas e unidas condicionam o modo de conhecer da pessoa. Melhor seria dizer que comunicação, relação e conhecimento são solidários, estão solidamente unidos como aspectos de uma mesma subjetividade. Mas tudo isto só surgirá com o desenvolvimento da psicanálise. Estamos por enquanto na “ciência tradicional da comunicação” com o seu

---

<sup>10</sup>Lucien Sfez- “Crítica da comunicação”, pag.41.

<sup>11</sup>Ibid, pag.41.

<sup>12</sup>Ibid, pag.41.

correlato - a psicanálise clássica. Por isto mesmo é que, quando Sfez, olhando a comunicação de uma perspectiva tradicional, diz que “ela não passa de um objeto exterior àqueles que a consomem ou produzem”<sup>13</sup>, torna-se possível evocar o seu correspondente psicanalítico tradicional. Explicando: na psicanálise clássica o veículo de comunicação é a interpretação que, ao ser dita, passa a ser um objeto depositado em um espaço exterior que separa/afasta analista de analisando. Tanto o “material” do analisando quanto a interpretação do analista são colocados em um espaço intermediário e a partir daí percebidos pelo interlocutor. Desta forma, a produção do analisando e a do analista tornam-se um terceiro, fazendo da relação entre analista e analisando uma relação triádica, onde o terceiro é o “material” do analisando e a interpretação do analista. Não há uma relação direta entre analista e o analisando; ela passa pelo “material” e pela interpretação. No momento em que a Teoria da Comunicação, preocupada com a inteligibilidade e com a evitação de obstáculos capazes de distorcer a mensagem, coloca-a, para seu melhor estudo, como um terceiro elemento independente do emissor e do receptor, a comunicação se transforma em informação e cria-se uma teoria para estudar este objeto que passou a ter existência própria: surge a Teoria da Informação. Da mesma maneira com que esta teoria preocupa-se com a pureza do canal, com a evitação de “ruídos”<sup>14</sup>, de obstáculos, no sentido de garantir a fidelidade da informação, o psicanalista clássico se preocupa(va) com a exatidão da interpretação que deve(ria) ser o perfeito reflexo daquilo que estaria no inconsciente do analisando. Essas correspondências não são simples coincidências, mas resultado de uma mesma episteme, de uma mesma subjetividade, de um mesmo paradigma, de uma mesma mentalidade. A psicanálise clássica está comprometida com o modo representacional de conhecimento e comunicação. O modelo “bola de bilhar”, que Sfez retoma ao discorrer sobre a Teoria da Informação “assegura o reino da teoria representativa. A mensagem representa o emissor junto ao receptor(...). O processo oferece-se numa visibilidade quase total e mantém afastados os pólos ativos/passivos da comunicação.

---

<sup>13</sup> Ibid, pag.44.

<sup>14</sup> Ver Henri Atlan, “Entre o cristal e a fumaça, 1979, especialmente os capítulos 3 e 4. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1992.

Eis aí o próprio princípio da representação...”<sup>15</sup>. Na psicanálise clássica, os dois pólos do processo também se encontram separados por um espaço intermediário onde, alocadas as produções do analisando, elas são vistas pelo analista como representações do mundo interno; a interpretação, também colocada neste espaço de afastamento, é fornecida como uma representação especular deste mesmo mundo interno. Dando um salto epistemológico, Sfez apresenta um novo paradigma onde a representação será substituída pela expressão. Não se pensa mais em objetos distintos, em objetos fora de nós, não se conhece mais o mundo através da dicotomia sujeito-objeto; a perspectiva torna-se holística, produzindo um pensamento que se apoia na totalidade: “Spinoza mais que Descartes, e os pré-socráticos mais que sua descendência”.<sup>16</sup> O termo expressão usado por Sfez encontra seu apoio filosófico em Spinoza, na sua concepção de uma substância possuidora de infinitos atributos, atributos estes que exprimem a substância. Citando Sfez: “Quando fala de atributos que *exprimem* a substância, Spinoza fala de uma identidade e não de uma representação”<sup>17</sup>. Esta concepção é tanto mais eficaz (ou verdadeira?) quanto mais elementos psicóticos ou borderline estiverem em jogo. O neurótico apreende o significado da palavra em sua dramaticidade, mesmo que o analista não seja dramático. Assim, se o analista se referir em voz calma a um perigo que ele esteja correndo, é o que bastará para que ele se alarme. Já o psicótico e borderline são mais dificilmente afetados pela palavra tranquila; para que eles se dêem conta do perigo que correm (para usar o exemplo anterior), é preciso que a totalidade do ser do analista, totalidade esta que se exprime na tonalidade da voz, na gestualidade, na mímica, na afetividade, na vibração e em indizíveis, transmitam a sensação de perigo. Temos aí dois canais de mensagem: o canal da palavra representativa e o canal da palavra expressiva. A palavra só é expressiva por estar mergulhada em um contexto corporal, emocional, afetivo. O borderline e o psicótico só entendem a mensagem através de sua identificação com o psicanalista, não sendo capazes de se identificar com o puro significado da palavra. Já o neurótico deixa-se atingir pela cadeia de significantes destacada de seu contexto corporal mas ele o faz ao preço de uma maior ou

---

<sup>15</sup>Ibid, pag. 47.

<sup>16</sup>Sfez,L. ibid, pag.49.

<sup>17</sup>Lucien Sfez, ibid, pag.50.

menor dicotomização. Sfez dirá que nessa dicotomização o homem se perdeu, perdendo o contacto com a vida, deixando de ser spinozista para tornar-se tautista, extraviado na circularidade fechada de uma comunicação autística-delirante que só conhece a si mesma. A psicanálise, de forma similar a outras disciplinas, tem se esforçado por reduzir e superar a distância homem-vida, a separação analista-analisando. Na revisão que farei a seguir, acompanharemos as várias etapas desta batalha no campo da clínica; verificaremos que cada uma delas deixa importantes remanescentes, reservas de experiência a serem usadas nas ocasiões adequadas. As linhas que se seguem baseiam-se em meus trabalhos “Posturas terapêuticas na prática clínica” e “Cem anos de psicanálise: uma visão filosófica”. Listarei, desde já, estas etapas: comportamento interpretativo/postura-espelho, comportamento interpretativo/postura-continente, comportamento covivencial/postura-continente e comportamento covivencial/postura-simbionte<sup>18</sup>. Estas etapas estão dispostas numa sequência, a um só tempo, histórica e decrescente; decrescente em referência à distância homem-mundo, estando o máximo de afastamento no comportamento interpretativo/postura espelho e a ausência de distância na postura simbiote.

A postura espelho/comportamento interpretativo pertence à maneira clássica de exercer a psicanálise; seu próprio nome aponta para a representação como modo privilegiado de relação, comunicação e conhecimento. Esta denominação eu a extraí de uma frase de Freud que se tornou famosa: “O médico deve ser opaco aos seus cliente e como um espelho não mostrar-lhes nada exceto o que lhe é mostrado”<sup>19</sup>. Um nome afortunado, de feliz inspiração, pois abarca 24 séculos de um paradigma - o paradigma ocidental - que está presente já na relação platônica modelo-cópia e que voltamos a encontrar em inúmeros pensadores ao longo da história do pensamento ocidental, incluindo-se aí Freud. À recomendação de manter-se espelhante segue-se uma outra que a reforça e esmiuça: “Não posso aconselhar insistentemente demais os meus colegas a tomarem como modelo, durante o tratamento

---

<sup>18</sup>Ver Armony, N.(1985)- “Posturas terapêuticas na prática clínica” “Psicanálise: da interpretação à vivência compartilhada”, pag.65 e seguintes. Editora Universitária Santa Úrsula, Rio de Janeiro, 1989.

<sup>19</sup>Freud,S.(1912)- “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise”. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, pag.157. Imago Editora, Rio de Janeiro, 1989.

psicanalítico o cirurgião, que põe de lado todos os sentimentos, até mesmo a solidariedade humana, e concentra suas forças mentais no objetivo único de realizar a operação tão competentemente quanto possível(...) A justificativa para exigir esta frieza emocional é que ela cria condições mais vantajosas para ambas as partes...”<sup>20</sup>. Todo e qualquer “ruído” advindo do Ic. do psicanalista, todo e qualquer afeto, toda fantasia, deverão ser mantidos em nível de sinal para não perturbar a superfície polida interpretante, aquela capaz do mais perfeito espelhamento possível do inconsciente do analisando. Este espelhamento pressupõe uma distância: o psicanalista entra em contacto, não diretamente com os conteúdos do paciente, mas com as representações dos conteúdos; predisposto a olhar as produções do analisando de uma determinada distância, leva para a sessão um espaço apriorístico no qual ficarão suspensas estas produções e a partir do qual serão vistas sob forma de representações. Sua intervenção é interpretativa e sua palavra se dirige ao intelecto do paciente, esperando que a representação pré-consciente de palavra se conecte, posteriormente, com a representação inconsciente de coisa<sup>21</sup>. A palavra aqui é o que se pode denominar, acompanhando uma idéia de Winnicott, de um símbolo de 2ª ordem. No artigo “Objetos transicionais e fenômenos transicionais” de 1951, escreve: “Se considerarmos, por exemplo, a hóstia da Sagrada Comunhão, que simboliza o corpo de Cristo, penso que tenho razão, se disser que, para a comunidade católico-romana, ela é o corpo e, para a comunidade protestante, trata-se de um *substituto*, de algo evocativo, não sendo essencialmente, de fato, realmente o próprio corpo.

---

<sup>20</sup>Ibid, pag.153.

<sup>21</sup>Deixemos que o próprio Freud se explique. No artigo “O Inconsciente” de 1915, na pag.230 do vol.XIV da Edição Standard Brasileira está escrito: “O sistema *Ics.* contém a catexia da coisa dos objetos, as primeiras e verdadeiras catexias objetivas.; o sistema *Pcs.* ocorre quando essa apresentação da coisa é hipercatexizada através da ligação com as apresentações da palavra que lhe correspondem”. Podemos articular a idéia acima com a que se segue e delas decorrerá, com naturalidade, a concepção de uma atividade intelectual da psicanálise exposta acima, no corpo do capítulo: “Se comunicarmos a um paciente uma idéia reprimida por ele em certa ocasião, mas que conseguimos descobrir , o fato de lhe dizermos isso não provoca de início qualquer mudança em sua condição mental(...)No entanto, agora, o paciente tem de modo concreto a mesma idéia, sob duas formas, em diferentes lugares em seu mecanismo mental: primeiro, ele possui a lembrança consciente do traço auditivo da idéia, transmitido no que lhe dissemos; segundo, também possui - como temos certeza - a lembrança inconsciente de sua experiência - em sua forma primitiva {forma primitiva que agora podemos dizer tratar-se de uma apresentação de coisa (nota do autor da tese)}. Realmente, não há supressão de repressão até que a idéia consciente, após as resistências terem sido vencidas, entre em ligação com o traço de lembrança inconsciente”(ibid, pag.201/2).

Em ambos os casos porém trata-se de um símbolo”<sup>22</sup>. A “realização simbólica” de Mme. Sechehaye<sup>23</sup> refere-se, sem dúvida, a um símbolo de 1ª ordem. Sem dúvida, na postura-espelho estamos envolvidos com símbolos de segunda ordem, símbolos que pertencem ao domínio da neurose. A postura espelho, com sua comunicação através de palavras-símbolos de segunda ordem é a solicitada e usada pelas configurações neuróticas. É preciso imediatamente dizer que não são símbolos desvitalizados; as palavras representativas, embora de uma maneira diferente das palavras expressivas, apresentam uma eficácia, podem ser mobilizadoras e transformadoras. Mas elas o são de uma maneira diferente da palavra expressiva. A palavra expressiva como parte integrante de uma totalidade maior, arrasta consigo todo o contexto no qual está enterrada/mergulhada, de tal maneira que a palavra, mesmo individualizada, não se destaca da totalidade; seria melhor dizer que o que surge é o contexto um de cujos componentes é a palavra que ao ser dita expressa este contexto. Ao se expressar, o contexto se afirma para além dos limites do Eu (chamo de contexto todos os elementos de uma situação - afetos, acontecimentos, objetos, palavras, etc. - considerados em seu vir-a-ser), invadindo o entorno. É diferente, a palavra representativa: ela pode evocar o contexto, mas não o faz presente; o contexto evocado mantém-se no interior dos limites do Eu; a palavra de 2ª ordem se mantém claramente destacada do contexto de tal maneira que pode ser considerada em si, um em-si provocador de evocações de contextos que permanecerão em âmbito interno. Um paciente neurótico poderá ficar emocionado com uma palavra dita por mim, mas é uma emoção dele, que poderá ou não passar para mim. A emoção, mesmo ultrapassando o limite do Eu, fica nele contida. Em sendo o Eu dos psicóticos e borderlines extremamente permeável, suas emoções entornam-se, forçando uma passagem para dentro do analista, que, se estiver com as fronteiras de seu Eu suficientemente permeáveis, ver-se-á invadido pelas intensidades dos analisandos psicóticos e borderline, justamente como eles o desejavam.

---

<sup>22</sup>Winnicott,D.W. (1951)- “Objetos transicionais e fenômenos transicionais” in “Da Pediatria à Psicanálise”, pag.395. Editora Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1982.

<sup>23</sup>Sechehaye,M.A.(1947) “La réalisation symbolique”. Berne, Hans Huber Editora.

Os símbolos de primeira ordem são pertinentes aos borderlines e psicóticos. Devemos entender a anulação da distância palavra-coisa implícita neste símbolos de primeira ordem à maneira de Sfez, dentro do espírito da filosofia de Spinoza. Assim como o atributo expressa a substância, podendo exprimi-la por ser uma manifestação da substância, um aspecto dela, assim a palavra exprime a coisa, ao invés de representá-la, por participar da totalidade da coisa, do contexto global da situação, sendo assim parte da coisa e da situação. Mme Sechehaye e sua paciente Renée têm as emoções da amamentação quando a paciente come/mama a maçã/seio da terapeuta. A maçã, aqui um símbolo de 1ª ordem, participa do devir-amamentação, passando a ser uma maçã/seio no contexto amamentação e não uma representação separada do seio - pois se este fosse o caso não ocorreriam o enlevo, encantamento, felicidade e gratidão próprios do ato de uma boa e afortunada amamentação. As intensidades mobilizadas pelos símbolos de 2ª ordem não tencionam ultrapassar os limites do Eu, não pretendem envolver o outro; não têm força para tal; ou melhor: aquilo que ultrapassa a barreira do Eu-pele pode até ser percebido pelo outro e mesmo, eventualmente comovê-lo, mas não tem força para invadi-lo. Se retomarmos a filosofia de Spinoza, tal como Sfez a usa para pensar a comunicação, poderemos dizer que, anulada a distância palavra/coisa (os atributos expressam a substância, sendo parte dela, diz-nos Spinoza), as palavras-símbolos não mais *representam* mas sim *expressam* sentimentos, fantasias, afetos, fantasmas. A distância analista-analisando fica anulada. Esta digressão não nos deve fazer esquecer que ainda estamos estudando a postura-espelho/comportamento-interpretativo e portanto ainda no regime da *representação*.

Podemos agora arriscar mais um passo, falando da postura-contidente/comportamento interpretativo. Nesta situação a palavra tem um aspecto mais mobilizador que informativo. Acompanhadas de um séquito não-verbal, são ditas com intensidade afetiva e pretendem produzir um efeito não só racional mas também emocional; pretendem co-mover o analista. Se o analista está permeável a estas produções intensivas será para elas um continente, sofrendo uma co-moção ao recebê-las diretamente dentro de seu psiquismo. Mas, em

mantendo o comportamento interpretativo, isolará estas intensidades<sup>24</sup> dentro de si e as olhará objetivamente, neutralizando a comoção inicialmente provocada e restabelecendo a comunicação de segunda ordem, a distância sujeito-objeto, mediante o uso da interpretação, de uma palavra simbólica representacional.

Dito de outra maneira: as produções do analisando não ficam colocadas em um espaço externo intermediário mas são atiradas diretamente dentro do psiquismo do analista: o conceito kleiniano de identificação projetiva<sup>25</sup>, o bioniano de elementos beta e o blegeriano de deposição<sup>26</sup> abarcam esta formulação. O psicanalista age como um continente deixando que as produções do analisando penetrem em seu psiquismo e lá mobilizem suas fantasias e afetos; porém após esta comoção inicial, o psicanalista toma distância do jogo fantasmático que tende a se estabelecer, transformando as fantasias/intensidades em representações e contendo-as até que, suficientemente amadurecidas, sejam devolvidas ao analisando sob forma de interpretações, de símbolos de 2ª ordem.

A postura continente surgiu do contacto do analista com situações borderline e psicóticas; nestas circunstâncias os analisandos produzem sentimentos e fantasias nos analistas à revelia destes, tirando-os assim da posição ideal e idealizada de serenidade terapêutica. Na tentativa de recuperar esta serenidade o analista isolava as emoções e fantasias provocadas pelo analisando, colocando-as em um canto de seu psiquismo, reduzindo e neutralizando sua força - sua intensidade - e revertendo a situação de expressiva para representacional. Os psicóticos, de uma maneira geral, não suportam esta reversão, mas os borderline sim. Alguns destes últimos lutam por manter o seu modo de relação/comunicação, outros aceitam uma espécie de acordo e muito poucos se submetem ao modo de comunicação/relação/conhecimento representacional; usando as palavras na forma de símbolos de primeira ordem, estes borderline tornavam-nas suficientemente vivas para ultrapassarem o espaço apriorístico

---

<sup>24</sup>Ver Deleuze e Guattari, "Mil Platôs" (1980), Editora 34, Rio de Janeiro, 1995, pag.12 e Guattari, "Caosmose", ibid, 1992, pag.20.

<sup>25</sup>Ver Melanie Klein (1946) "Notas sobre alguns mecanismos esquizóides" in "Os progressos da psicanálise". Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1969.

<sup>26</sup>Ver cap. IV de "Simbiosis y ambigüedad" de Jose Bleger. Editorial Paidós, Buenos Aires, 1972.

separador tirando o analista da posição de serenidade espelhante e obrigando-o a acolher as fantasias e emoções dentro de seu psiquismo. Ao mesmo tempo ia-se criando no analista um desejo de conter dentro de si o “material” do analisando sem porém renunciar ao comportamento interpretativo. Na direção analisando -> analista anulava-se o espaço intermediário, que era porém recuperado quando esta direção se invertia, pelo empenho do analista em manter a interpretação psicanalítica como eixo da terapia. Estabelecia-se então uma luta entre borderline e analista procurando tanto um quanto outro fazer prevalecer/vigorar o seu modo de relação/comunicação/conhecimento: o analista procurando manter o espaço intermediário, a separação sujeito-objeto, a palavra interpretativa - símbolo de 2<sup>a</sup> ordem, a hierarquia e o poder; o analisando tentando eliminar a distância analista-analisando, usando elementos beta, símbolos de 1<sup>a</sup> ordem, palavras expressivas, contestando o poder/saber do analista. Uma das possíveis consequências da luta é o rompimento da relação analítica. Melhor quando ocorriam modificações em ambas as pontas da comunicação. Veremos isto mais adiante em um capítulo em que falarei de minha experiência pessoal de transformações. Quero, por enquanto, deixar dito que a possibilidade do analista se modificar é sua oportunidade de pôr-se de acordo com as mentalidades de sua época, é poder sintonizar e acompanhar os vários caminhos tomados pela subjetividade hodierna. É a partir desta exposição ao novo que o analista abre-se para o social, para o contemporâneo. Foi a partir desta abertura que pude conceber esta tese.

Passemos à postura-continente/comportamento-covivencial. Nesta modalidade de relação/comunicação o eixo da sessão analítica desloca-se da interpretação para a experiência compartilhada, comentada ou não. Importa sobretudo ao psicanalista ser um continente para as angústias, afetos e fantasias do analisando, evitando atrapalhar a experiência de deposição destas intensidades com interpretações - símbolos de segunda ordem. As palavras deverão ser pronunciadas, sim, mas como símbolos de 1<sup>a</sup> ordem, palavras que deverão sair diretamente da experiência vivida de continência. A comunicação silenciosa deverá entrar na pauta das

considerações do analista<sup>27</sup>. As produções do paciente, não mais transformadas em representações, já não se prestam à interpretação; elas mantêm a sua força mobilizadora e orientam o psicanalista no sentido de facilitar a manifestação do verdadeiro self. Esta a principal função da postura-continente/comportamento-covivencial: fornecer um ambiente facilitador para a expansão do verdadeiro self do analisando. Estamos aqui em pleno universo winnicotteano. A mãe-ambiente é este continente facilitador suficientemente bom no qual o bebê/analisando está mergulhado e pelo qual está rodeado. O desenvolvimento do verdadeiro self dependerá de uma fina sintonia da mãe/analista com seu bebê/analisando; esta sintonia lhe permitirá apresentar ao analisando os objetos/acontecimentos no momento mesmo em que ele necessita, deseja e aguarda. Desta maneira cria-se o “momento de ilusão” uma situação paradoxal em que o bebê (e o analisando) criam o que já existe. Este é um paradoxo, que não deve ser resolvido. Diz Winnicott: “...o objeto tem de ser encontrado para ser criado. Isto tem de ser aceito como um paradoxo, e não resolvido por um rephraseado que por seu brilhantismo pareça eliminar o paradoxo”.<sup>28</sup> A esta sintonia Winnicott chamou de “adaptação ativa às necessidades do analisando”, e é particularmente válida para a inicial idealização e a progressiva desidealização necessárias para o estabelecimento das fontes de confiança e segurança básicas e para o desenvolvimento do self como um eu separado de um não-eu. Serão justamente estes acontecimentos necessitados, desejados, esperados pelo analisando que deverão ser apresentados na gradação próxima daquela pedida por ele. A postura continente/comportamento covivencial desenvolve-se no contacto do paciente borderline solicitador de cuidados maternos com o analista capaz de viver a situação de mãe-ambiente. Para estes esta postura/comportamento é satisfatória e produtiva, pelo menos por um período de tempo. Se o analista tenta generalizar esta postura, poderá encontrar resistência em outros borderline que se ressentem da hierarquia desta postura. O analista, em sendo a mãe-ambiente e sabendo das necessidades do analisando, tem o comando do tratamento, mantendo assim um

---

<sup>27</sup>Ver “La comunicación y la falta de comunicación como conducentes al estudio de ciertos pares antitéticos”(1963) in “El proceso de maduración en el niño”. Editorial Laia, Barcelona, 1975.

<sup>28</sup>Winnicott, D.W.(1963)- “Comunicação e não-comunicação levando ao estudo de certos opostos”, in “O ambiente e os processos de maturação”, pag.165. Artes Médica, Porto Alegre, 1982.

poder e gozando de uma certa imunidade hierárquica protetora de sua intimidade. As trocas afetivas e fantasmáticas não se realizam em toda a extensão da fronteira analista-analisando; elas se exercem em uma área restrita, aquela que tem a ver com a relação complementar fantasmática mãe-continente/filho-carente. É especialmente nesta área que a fronteira eu-outro torna-se suficientemente permeável para que ocorra a identificação, permitindo que por ali passem os fluxos de afetos e de fantasias. Uma extensão da permeabilidade a toda a fronteira que separa/une analista-analisando é solicitada principalmente por psicóticos, mas também por borderline quando não suportam relações hierárquicas.<sup>29</sup> Nesta modalidade de comunicação/relação desaparece, no vir-a-ser da sessão analítica, a hierarquia que dava poder e proteção ao analista; um outro modo de se relacionar/comunicar, uma outra postura emerge necessariamente de dentro do comportamento covivencial: a postura simbiote. O mais lídimo representante deste procedimento é o psicanalista Harold Searles, que inventou a expressão “simbiose terapêutica”<sup>30</sup> marcando, através dela, este tipo de comunicação/relação, esta espécie de trocas afetivas e fantasmáticas. O psicanalista, ao estabelecer com o seu analisando uma “simbiose terapêutica” permite-se ser guiado na terapia pelo seu sentir-pensar (*feeling-orientation*<sup>31</sup>). O analista, quando em sessão, abdica de colocar-se em um *locus* privilegiado, despindo-se de seus paramentos e insígnias para tornar-se um *igual* ao analisando. Isto não o impede de permanecer como guardião da finalidade terapêutica da relação, sustentando sua posição de psicanalista; esta posição, porém, não é levada para dentro da sessão; aí, o terapeuta coloca-se paritariamente, deixando-se afetar pelo comportamento verbal e não-verbal do analisando e afetando-o com o seu. O analista interage com o cliente em mão dupla, compartilhando homóloga e complementarmente fantasmas e afetos. Desaparece o espaço entre ambos; as palavras e ações repercutem imediatamente dentro do psiquismo do parceiro sem passar pela etapa intermediária da representação. O terapeuta não “examina” o material psicanalítico mas vive o impacto das emoções e fantasias dentro de si mesmo, sem que

---

<sup>29</sup> Ibid, pag.70, fantasia da “pele comum”.

<sup>30</sup> Searles,H.F.(1959)- “Integration and differentiation in schizophrenia” in “Collected papers on schizophrenia and related subjects”, pag.308. The Hogarth Press, Londre, 1965.

<sup>31</sup> Ibid(1961), pag.527).

nenhuma distância atenua a força do acontecer; não se coloca na sessão nem mesmo na posição de criador de condições para o desabrochar do “verdadeiro self”, mas se despoja de todo o seu saber e de todos os seus brasões, expondo o seu psiquismo ao psiquismo do analisando tanto para dar quanto para receber. Surpreendentemente, é quando o analista se despe de seus emblemas que o paciente psicótico vem a colocá-lo na condição de “salvador”, um conhecedor onisciente de suas necessidades afetivas primordiais; ao mesmo tempo, o analisando mantém a igualdade na relação, não se submetendo a um pretense saber do analista. O analisando crê convictamente em suas intuições e acredita que o analista participe destas intuições que ora serão faladas pelo analisando ora pelo analista. Na simbiose terapêutica a razão/emoção, o pensamento/palavra/ação estão integrados e constituem uma força viva de comunicação.

As primeiras teorias de comunicação baseavam-se em um modelo behaviorista, considerando o emissor como provocador da mensagem e dominador do campo da comunicação. O emissor seria ativo e o receptor passivo<sup>32</sup>. Com o desenvolvimento destas teorias, o emissor cede parte de seu poder para o intermediário.<sup>33</sup> E, finalmente, no desenvolvimento da teoria da comunicação “o destinatário destrona o emissor”.<sup>34</sup> Se examinarmos, disjuntivamente, cada postura/comportamento, veremos que no comportamento-interpretativo/postura-espelho todo o poder é dado ao analista; o analista “ouve” o material do analisando, limpa-o de seus “ruídos”, impede que os “ruídos” de seu próprio inconsciente distorçam sua percepção do inconsciente do analisando, e, na qualidade de emissor, revela ao analisando o inconsciente que este desconhece. A não aceitação da mensagem/interpretação do analista é considerada uma “resistência”. Na postura-contingente/comportamento interpretativo, o meio começa a se tornar importante. O analista deverá conter, por algum tempo, dentro de seu psiquismo, as identificações projetivas, as depositações do analisando; será neste psiquismo-meio que os afetos e fantasias do analisando poderão amadurecer, sofrendo modificações; o analista acompanhará estas

---

<sup>32</sup>Ver pag. 81 do livro “Crítica à Comunicação” de Lucien Sfez. Ibid.

<sup>33</sup>Ibid, pag.82.

<sup>34</sup>Ibid, pag.88.

modificações, mantendo uma atividade transformadora das vivências advindas do analisando, transmutando-as em representações, e, na devida hora, devolvendo-as sob a forma de interpretações - símbolos de 2º grau. Ainda aqui, o poder é atribuído ao emissor. Na postura-continente/comportamento-covivencial parte do poder do analista se desloca para o “ambiente facilitador”. O analista agora é uma mãe-ambiente criadora de condições para o desenvolvimento do verdadeiro self. Como mãe-criadora destas condições o analista detém o poder, mas é um poder que consiste em fornecer um ambiente propício para o desenvolvimento do ser. Há uma ênfase aqui no meio suficientemente bom para tal propósito. Usando uma imagem mais forte poderíamos dizer que o analista destila o ambiente no qual o analisando se moverá produtivamente. Finalmente, na postura-simbionte/comportamento-covivencial, o poder desaparece, ou melhor, fica distribuído entre terapeuta, terapeutizando e meio.

Se agora pensarmos em um analista que não entra na sessão com uma atitude apriorística, mas que se encontra aberto para estabelecer a relação solicitada pelo analisando, então poderemos reunir em uma única visão envolvente aquilo que estava disjunto. Nesta perspectiva a disponibilidade para a identificação não surge com e não se refere apenas ao comportamento covivencial, mas está presente também no comportamento interpretativo pois existem analisandos que solicitam o comportamento interpretativo. Na época em que imperava, soberana, a dicotomia sujeito-objeto, era perfeitamente natural que o analista adotasse de saída o comportamento interpretativo e que ficasse cego às solicitações de alguns pacientes por um outro tipo de relação. A naturalização do comportamento interpretativo, paralelo à naturalidade da dicotomia sujeito-objeto, tornava impensável qualquer outra opção. Com a desnaturalização das teorias e da cultura, abriu-se um leque de alternativas e hoje torna-se necessário o exercício da capacidade de identificação para o estabelecimento de uma adequada relação analítica. Isto significa que, mesmo o comportamento interpretativo poderá ser adotado desde que solicitado/necessitado pelo analisando. Portanto, o analista deverá estar preparado e disponível para qualquer tipo de relação que venha a ser solicitada pelo analisando, desde a postura espelho até a postura simbiote, ou qualquer outra ainda não surgida/revelada.

Pensemos, agora, de uma outra perspectiva, esse processo de solicitação. O analisando vai ao encontro do analista com uma expectativa, com uma fantasia. O analista vai ao encontro do analisando em estado de disponibilidade para a identificação. O analisando espera algo do analista, algo que ele não sabe o que é, e que só tomará forma na comunicação com o analista. Uma vez estabelecida esta comunicação ele poderá (ou não) dizer para si: “era isto”. Se esse for o caso, poderemos dizer que o analista correspondeu às expectativas do analisando: o analista é, ao mesmo tempo, criação do analisando e objeto independente. Voltamos aqui a Winnicott, com sua idéia de espaço potencial, objeto transicional e fenômeno transicional. O analisando cria algo que já lá está. Mas o “já-ali-estar” depende da disponibilidade para a identificação do analista. Nesta perspectiva, não se poderia dizer que “o destinatário destronou o emissor”; seria melhor dizer que emissor e destinatário criaram condições para o estabelecimento de um meio/modo circulante para a mensagem. Analista e analisando são ambos e ao mesmo tempo emissores e destinatários, o que pode melhor ser pensado/experimentado em termos de relação. A mensagem não seria nem do analista nem do analisando mas se criaria na relação, relação esta que se passa no espaço potencial e lida com objetos e fenômenos transicionais.

*Nahman Armony*

